

Revista de Literatura,  
História e Memória

Narrativas da Memória:  
O Discurso Feminino

ISSN 1809-5313

VOL. 3 - Nº 3 - 2007

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 83-90

## DE FLAUSINA E BELISA: FLAULISA – PROTÓTIPOS DA MULHER LATINO-AMERICANA, PRESENTES EM ISABEL ALLENDE E GUIMARÃES ROSA

FLECK, Gilmei Francisco  
(UNIOESTE - Cascavel/PG.  
UNESP – Assis)<sup>1</sup>

**RESUMO:** A literatura latino-americana tem, ao longo dos anos, tratado de forma especial as questões referentes à configuração discursiva das personagens femininas. Tal aspecto pode ser encontrado em textos tanto de autoria feminina como masculina. Apoiados nos pressupostos da Literatura Comparada, este trabalho busca evidenciar tal fato pela comparação entre as personagens femininas protagonistas do conto *Esses Lopes*, do brasileiro Guimarães Rosa (1969), e *Dos palavras*, da chilena Isabel Allende (1989). Interessa-nos verificar como ambos os escritores reproduzem, pela arte literária, o cotidiano vivenciado pelas mulheres em sociedades nas quais imperam ainda valores patriarcais. Buscamos, pela comparação entre os textos escolhidos como *corpus*, mostrar que, independente do sexo de quem escreve um texto, a literatura, como arte que explora a potencialidade dos signos lingüísticos, vale-se do poder das palavras para revelar as condições existenciais da mulher, fazendo da literatura uma arma poderosa de conscientização e denúncia das injustiças sofridas pela população.

**PALAVRAS-CHAVE:** Personagens femininas; literatura e sociedade; literatura comparada.

**ABSTRACT:** The Latin American Literature has, along the years, treated in a special way the artist discourses in which female characters are produced. Such aspects can be found in narratives produced by both women and men. Supported by the principles of Comparative Literature, this work aims to show some examples of this literary aspect by comparing the way the female protagonists of the short stories *Esses Lopes*, written by the Brazilian novelist Guimarães Rosa (1969), and *Dos palavras*, written by the Chilean Isabel Allende (1989). Our interest is to put in evidence how these writers reproduce the daily life of women living in societies which still price patriarchal values. We try to show, by comparing the two texts choosen as object of study, that – besides of any questions which involves the sex of the writer – literature, as an art which explores the potential of the linguistic signs, uses the power of the words as an important weapon to make people conscious of the reality and also as a way to expose the injustices suffered by the people.

**KEY-WORDS:** Female characters; literature and society, compared literature.

Nossa intenção não é discutir a crítica feminista, primeiro porque esta é uma vasta área que deveria considerar, segundo os estudos de Elaine Showalter (1986), ao menos as distintas correntes nela existentes, ou seja, a inglesa – essencialmente marxista, que enfatiza a opressão; a francesa – de cunho fortemente psicanalítico, que se volta à repressão; a norte-americana – cuja essência é a textualidade, a semiótica, que exalta e se centraliza na expressão. Quando se quer apenas comparar a configuração discursiva de uma personagem feminina, a escolha resulta um tanto incômoda por dois motivos. O primeiro refere-se ao fato de que o *corpus* de nosso trabalho foi produzido em solo latino-americano – Brasil e Chile, uma realidade que se mostra diferente daquela de onde tais correntes críticas se originaram e seguem seu percurso evolutivo. O segundo motivo que nos incomoda na escolha de um suporte teórico dentro das linhas da crítica literária feminina é o fato de que, à medida que nos aprofundamos no estudo destas distintas correntes, percebemos o esfacelamento da essência do próprio movimento que, dividido e internamente propenso à competitividade, não consegue encontrar uma unidade teórica e metodológica e nem um acordo comum sobre seu objeto. Tais fatos fragmentam, assim, os esforços em disputas individualistas num campo que, pelas suas prerrogativas intrínsecas, deveria antes de tudo buscar união e coesão e não o discurso da voz que ecoa mais forte.

Este aspecto “incômodo” da pluralidade e falta de unidade na crítica feminina, hoje reconhecida academicamente, é vista com outros olhos por Elódia Xaxier (1999, p. 15), que lhe atribui possibilidades de desconstrução de leituras consagradas, apontando para a necessidade de um processo de revisionismo da historiografia literária. Xavier (1999, p. 16) menciona que “a pluralidade de enfoques feministas, às vezes mal interpretado como miscelânea teórica, decorre da riqueza de abordagens num momento hostil à rigidez conceitual”.

Diante desta realidade – entre a miscelânea e a riqueza – preferimos aqui nos aproximar de nosso objeto de estudo buscando respaldo em teorias voltadas às questões da configuração discursiva de personagens literários e, quando necessário, teremos em mente o discurso crítico feminista hispano-americano que, de acordo com Márcia Hoppe Navarro (1995, p. 62), tem sido sensível às diferenças políticas e sociais. Esta corrente geralmente propõe que formas de engajamento devam existir entre a autora e seu trabalho, para que, deste modo, venham a denunciar, sob variadas formas literárias, as injustas estruturas sociais existentes na contemporaneidade nos países de cultura periférica, como são os das antigas colônias latinas na América.

Na realidade, buscamos aqui abordar dois contos bastante curtos, porém exemplares para o tema desta mesa, pois eles se concentram nas memórias de duas personagens femininas: Belisa Crepusculario e Flausina, personagens dos contos *Dos palabras*, da escritora feminista Isabel Allende, e esses *Lopes*, do brasileiro Guimarães Rosa.

O conto de Guimarães Rosa retrata uma realidade arcaica, que poderia ser localizada geograficamente no sertão brasileiro, porém ainda vivenciado por uma grande parcela da população que aí reside até hoje. Neste ambiente vive Flausina com seus sonhos de ter “enxoval, ao menos feito as outras, ilusão de noivado” (ROSA, 1969, p. 45). Nele, porém, reina o poder e a violência encarnada nos homens da família Lopes, a quem Flausina será submetida, servindo de esposa a todos esses homens, sucessivamente.

Assim, Guimarães Rosa transpõe para o universo literário a forma como as personagens são anuladas numa sociedade opressora. Esta anulação é ainda maior quando se trata da questão de ser mulher em um ambiente em que as idéias e conceitos masculinos, aliados ao poder econômico e à violência, são os únicos a ter valor. Flausina é, deste modo, inexoravelmente transformada em prêmio, disputada pelos homens da família Lopes, estando sujeita à violência imposta. Resta-lhe apenas sobreviver, ter filhos e submeter-se novamente aos caprichos de um novo Lopes.

Flausina passa a escrever sua história a partir do momento em que adquire o ingresso no mundo das letras e logo responde com violência à violência de ser obrigada a viver com um homem que a usa sexualmente, causa da destruição de todos os seus sonhos de menina virgem. A violência praticada por Flausina, segundo uma das concepções desta palavra presente na obra *Dinâmica da violência*, de Mafessoli (1987), tem no leitor um efeito de catarse, pois este, desde o início do conto, sente-se incomodado com tanta arbitrariedade. As ações de Flausina rompem as expectativas de conformismo esperado das mulheres em situações como a sua e desestabiliza a ordem vigente na sociedade e, paradoxalmente, ao instalar a desordem, possibilita-se a volta da ordem pela eliminação daquilo que impede a existência da felicidade.

O conto de Isabel Allende é uma história simples, porém magistralmente elaborada, na qual são narrados os fatos da vida de uma garota oriunda de uma das tantas famílias que, neste continente, vivem em condições de miséria, mas que um dia iria “produzir” o presidente de sua nação.

Essa garota nasceu no seio de uma família tão miserável que nem sequer tinha nomes para dar aos filhos. A miséria absoluta da não existência, da não individualidade e da não participação na história fez com que ela partisse em busca de uma identidade, mas não de qualquer uma, feita de acasos. Buscou uma que lhe enchesse a alma, o espírito e o coração, que lhe fosse uma verdadeira marca e ela a encontrou. Com o nome de Belisa Crepusculario, a garota se vestiu e, assim, passou a existir, a ter significado, a fazer parte, a ser alguém. Embora o mundo, ao seu redor, seguisse tão miserável como sempre havia sido, agora sim, ela era ela.

Quando Belisa tinha doze anos, coube a ela a tarefa de enterrar a quatro de seus irmãos menores, vítimas da fome e da sede, resultados de mais uma das

intermináveis secas que afligiam a sua região. Já sentindo que ela poderia ser a próxima a ter a mesma sorte, não se pôs a esperar pela morte certa. Belisa necessitava viver, existir e, deste modo, decidiu pôr-se a caminhar pela planície rumo à costa, rumo à água, à vida. Assim, ela salvou a sua vida e descobriu a razão de sua existência.

Ao chegar a uma aldeia perto do litoral, Belisa descobre, através de uma folha de jornal que o vento lhe traz até aos pés, que as palavras andam soltas por aí, sem dono e que qualquer um, com um pouco de manha, pode negociar com elas. Desde este instante, a garota passa a exercer uma nova profissão. Descobre, porém, em seguida, que as palavras também podem ser escritas e não somente ser vendidas em forma de folhas de jornal. Ela contrata, então, um padre para lhe ensinar esta arte e sua vida sofre uma nova mudança. Ela passa a ser *la vendedora de palabras* que percorre as aldeias, oferecendo seus serviços e presenteando uma palavra secreta, para espantar a melancolia, a cada cinquenta centavos que lhe pagam.

Tão bem conhecia Belisa Crepusculario o poder das palavras que, um dia, enquanto trabalhava em sua tenda na praça de uma aldeia, apareceram os soldados do Coronel, sob as ordens do Mulato, ataram-lhe os pés e as mãos e a levaram à presença do homem mais temido de todo o país. Este homem necessitava de seus serviços, pois queria ser presidente. Estava cansado de guerras inúteis e queria que Belisa lhe escrevesse um discurso que fosse capaz de convencer seu povo a torná-lo presidente nas próximas eleições. Belisa fez o trabalho que lhe pedira o Coronel e este a pagou por fazê-lo.

Como era seu costume, Belisa presenteou o Coronel com duas palavras secretas, as quais ela lhe sussurrou ao ouvido. Desta vez, ela o fez com toda a experiência acumulada ao longo dos vários anos de suas caminhadas e, principalmente, com sua própria crença no imenso poder das palavras, pois ela sabia que estas palavras poderiam mudar completamente a sua existência e a daquele homem rude, castigado pela história. Uma vez terminado o seu trabalho, levaram-na de volta à margem do caminho para que pudesse seguir seu labor de vender palavras.

Ambos os contos retratam uma realidade na qual a violência brutal impera, o poder se estende também sobre a vida, sobre o livre arbítrio. As protagonistas Belisa e Flausina necessitam sobreviver em meio a este mundo hostil no qual ganharam vida. Representantes das mulheres sofridas da América latina, vivendo sob os preceitos do patriarcalismo, quando não da própria barbárie, onde um espaço de existência feminina lhes é negado, cabendo-lhes apenas a servidão passível, essas heroínas lutam por sua dignidade. A instrução é seu maior artil e com elas aprendemos o verdadeiro e incomensurável poder das palavras.

Isabel Allende e Guimarães Rosa, nos contos analisados, privilegiam o ambiente rural economicamente devastado, onde o poder de poucos pode impor-se

à massa pobre. Dentro deste contexto sócio-econômico e cultural, irão também colocar suas protagonistas e fazê-las evoluir ao longo da curta extensão de suas narrativas. Belisa nasceu no seio de uma família onde a miséria era inclusive linguística, ou seja, seus pais nem sequer tinham nomes para dar aos filhos. Flausina, apesar de ter um nome, não se dá conta dele, tanto que na fase adulta, quando precisa assumi-lo, manifesta querer ter outro, pois das recordações de infância só restam imagens de pobreza. Diante da morte física quase certa e desta não-existência na qual vivia, a jovem Belisa parte em busca de uma identidade, mas não de qualquer uma sem sentido ou razão. O que encontra ao, por si mesma, nomear-se.

Flausina, por sua vez, abre possibilidade para ser a Maria Miss que gostaria de ser ao projetar para o futuro que tem a sua frente os seus sonhos de menina que lhe foram roubados. No caso de Belisa, o mundo ao seu redor não muda, mas ela é integrada nele com outras possibilidades de futuras transformações. Já Flausina é a própria causa da transformação ocorrida em seu povoado com a eliminação dos Lopes. São suas as ações que mudam a realidade bárbara da região na qual vive.

Flausina, mesmo não podendo eleger seu próprio nome, foi, da mesma forma, vestida com ele, como foi Belisa, para seguir a sua sina, destino de flauta a ser tocada por mãos nada suaves ou dispostas a dela tirar os melhores e mais suaves acordes, sonhos puros de menina virgem, rudemente roubados por quem não sabia o que um sonho pode representar. Uma identidade que se molda em meio à brutalidade para revelar-se superior aos descasos, aos abusos, para continuar embalando sonhos, mesmo que isso signifique incorporar a violência sofrida e fazer uso dela para, paradoxalmente, dela se livrar. Belisa, por sua vez, possui o dom de transformar as mais distintas formas de violência em esperanças futuras.

Flausina é representante de uma grande massa de meninas jovens, humildes, de famílias que não possuem sequer condições de oferecer liberdade a seus filhos. Habitantes deste continente que vivem, na realidade, este drama de serem dadas a certos homens detentores do poder.

Belisa Crepusculario é um dos tantos filhos da América, cujos pais ninguém sabe quem são, protótipos de latino-americanos que buscam suas raízes, com a diferença de que ela, assim como muitos outros, foi engendrada pela arte suprema da escritura, por mãos mestras cheias de ternura, sensibilidade, encanto e experiência, as quais souberam dar-lhe, além da liberdade de uma existência própria, os traços típicos da mãe América e a capacidade de abarcar uma multidão de seres reais que, como ela, têm que lutar pela sobrevivência neste continente de tantos e tão profundos contrastes, magistralmente registrados no microcosmo deste conto de Isabel Allende. O afeto criador se estende a ponto de não permitir que

a violência brutal existente nesta realidade ficcional elaborada pela escritora atinja de forma plena a sua criatura. Deste modo, Belisa, embora ciente a ponto de poder narrar o que passa com as mulheres de seu povo quando se deparam com o bando do Coronel e do Mulato, é protegida desta violência pelo poder do conhecimento das palavras, uma incorporação da personalidade de sua gestora. Sua experiência com o mundo das letras é um salvo conduto que lhe permite circular às margens desta violência sofrida pela população em meio a tantas guerras inúteis, lutas pelo poder, tentativas de imposição de uns pela submissão de outros.

A narrativa de Guimarães Rosa discute questões sociais bastante semelhantes às encontradas no conto de Allende, como a miséria, a imposição do poder pela violência, a condição da mulher numa sociedade regida por valores masculinos. A personagem Flausina, mesmo não querendo destacar o problema da fome e da pobreza, acaba mostrando os desdobramentos vis aos quais qualquer pessoa pode ser submetida diante desta realidade, principalmente quando as regras sociais baseiam-se tão somente no quesito poder monetário. A personagem de Guimarães Rosa faz soar sua voz: "Eu queria me chamar Maria Miss, reprovoo meu nome de Flausina". Este enfrentamento entre criatura e criador, numa clara oposição estampada em palavras de um, registrado por outro, é a técnica escolhida pelo autor para revelar aspectos de nossa sociedade.

Guimarães Rosa revela um mundo de violência provocado pelo machismo e pela intolerância que ainda existe em grandes camadas de nossa sociedade. O fato da personagem, vítima da violência, ser mulher, é também uma forma de tornar perceptível mais um problema vivido por esta parcela da humanidade inserida neste contexto social que ainda é regido pelos ditames masculinos que encontram na mulher, em primeiro lugar, a satisfação de seus desejos sexuais. As mulheres, neste contexto, não têm opção. Já o feminismo latente de Allende faz com que sua personagem supere esse tipo de sina, possibilitando-lhe uma escolha: não se vender, mas vender palavras, que com o seu imenso poder são capazes de transformar, não só o seu próprio destino, mas o de toda sua nação.

Nas obras em questão, percebe-se a violência, em suas mais diferentes vertentes, impondo-se no cenário de existência das personagens que necessitam encontrar meios de existir e manifestar suas idéias e desejos. Um dos aspectos mais trivializados de violência faz-se presente no conto *esses Lopes*, já que a aceitação de Flausina, de viver a imposição marital arbitrária de todos os Lopes, leva-a a uma submissão lúcida, que, em essência, funciona como uma estratégia para transformar sua história. Assim, com sua resistência, ela destrói os Lopes, uma a um, para poder viver o sonho de adolescência quebrado violentamente quando é arrancada da casa

dos pais. A ambigüidade final do discurso faz-nos refletir sobre as profundas marcas que tal atitude e tão extremos meios para alcançar a liberdade podem produzir mesmo nas almas mais nobres e puras quando sujeitas a tais circunstâncias.

A violência imposta à condição feminina das personagens aqui retratadas assume duas perspectivas distintas de acordo com temporalidade dos mundos recriados. Por um lado, temos o conto de Guimarães de Rosa, que possui um caráter de denúncia em relação a esse problema de nossa sociedade. O autor brasileiro acaba resgatando um mundo arcaico, em que as pessoas e as coisas estão ainda isoladas das grandes inovações dos tempos modernos, em que os conceitos e hábitos delas são determinados pelo destino.

Guimarães Rosa constrói suas histórias denunciando a falta de justiça, que leva a terríveis crimes e à prática da violência instaurada por meio do abuso do poder. Isto nos serve para reflexão a respeito de nossa sociedade desestruturada e injusta. Sua obra alerta a sociedade para o fato da existência desta violência e denuncia sua prática contra a mulher.

Allende, por sua vez, busca mostrar as possibilidades que uma verdadeira união entre homens e mulheres poderia produzir em nossa sociedade na contemporaneidade. A menina se transforma no símbolo da mulher latino-americana instruída, uma mulher guerreira, segura, inteligente e, além de tudo, conhecedora do seu poder na sociedade e como detentora de seu destino, porém disposta a cooperar com seu conhecimento para melhorar a situação de seu país.

As personagens Belisa e Flausina aparecem configuradas com a típica sensualidade da mulher hispano-americana. No conto de Guimarães Rosa, vemos a personagem comentando: "Deus me deu esta pintinha preta na alvura do queixo – linda eu era até remirar minha cara na gamela dos porcos, na lavagem" (ROSA, 1969, p. 45). Qualidades que chamaram a atenção de "Zé, o pior, rompente sedutor" (ROSA, 1969, p. 45), contra quem nada pode fazer a não ser, como diz ela mesma: "Mais aprendi lição de ter juízo. Calei muitos prantos. Agüentei aquele caso corporal". (ROSA, 1969, p. 45).

Allende e Guimarães Rosa dão as suas personagens todos os atributos de beleza da mulher hispano-americana. Flausina torna-se vítima dos Lopes, principalmente por esse motivo. No conto *Dos palabras*, vemos que Belisa conhece o poder das palavras e usa-o para livrar-se das investidas mal-intencionadas do Mulato, pois ela teve que detê-lo "[...] con un chorro de palabras inventadas [...]" (ALLENDE, 1997, p. 19). Outra personagem hierarquicamente superior a Belisa, neste contexto sócio-cultural onde só o patriarcal conta – O Coronel –, também sofreu a dura pena de haver encontrado nela uma forte sensualidade, pois não conseguiu mais livrar-se do encanto produzido pelas palavras de Belisa. Este traço de sensualidade não é esquecido nem pela feminista chilena, nem pelo regionalista brasileiro.

Através da literatura, revelam-se as realidades contrastantes de todo um povo e as possíveis saídas para seus dramas existenciais, inclusive àquelas que envolvem as questões de gênero. É aí que se mostra o grande poder das palavras. São imagens e símbolos que, às vezes, ultrapassam os limites dos sentidos; espaços eleitos para que falem por si sós; personagens tirados da vida cotidiana, porém construídos no nível discursivo de uma forma extraordinária que parecem viver e mover-se num tempo histórico real, magia da arte literária com uma profunda mensagem que deixa claro o poder das palavras e a grande importância de escritores e leitores em nossa sociedade.

Estes são alguns dos elementos fundamentais do micro-universo de *Dos Palabras* e *esses Lopes*: modelos claros de que a configuração de uma personagem, assim como a eleição de uma voz enunciadora do discurso, estão subordinadas às questões de gênero; o discurso, porém, por ser uma construção essencialmente ideológica, em todas as suas abrangências, está acima destas questões e constitui-se, assim, em uma espécie de traço identitário entre elementos díspares. Mais do que isso, estes contos são prova de que a "escrita" não tem sexo e de que se algum dia pudermos juntar as essências de Flausina e Belisa, criando nossa também imaginária "Flaulisa", teremos um dos mais almejados protótipos da mulher latino-americana.

## NOTAS

<sup>1</sup> Professor de Literaturas Hispânicas da UNIOESTE – Cascavel e Doutorando em Letras – UNESP – Assis.

## REFERÊNCIAS:

- ALLENDE, I. *Cuentos de Eva Luna*. 9. ed., Barcelona: Plaza & Janés, 1997.
- NAVARRO, Hoppe Márcia. O discurso feminista na América hispânica. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.). *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL: Ed. da Unisinos, 1996.
- MAFESSOLI, M. *Dinâmica da violência*. Trad. Cristina M.V.França. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ROSA, J. G. *Tutaméia: terceiras estórias*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- XAVIER, Elóide. Para além do cânone. In: RAMALHO, C. (Org.) *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999, p. 15-22.